

**“ÁRVORE SEM RAIZ NÃO FICA DE PÉ!”  
UM OLHAR SOBRE A CAPOEIRA DE PORTO ALEGRE/RS A PARTIR DE  
SUAS MATRIZES<sup>1</sup>**

Erico Carvalho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo realizar uma síntese histórica da presença da prática da capoeira moderna na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, desde o ponto de vista das linhagens que ali chegaram. Para tanto, foram utilizados dados produzidos por diversos pesquisadores. Os dados produzidos durante o Mapeamento da Capoeira do Rio Grande do Sul, realizado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. A análise busca certa amplitude histórica em detrimento da profundidade e tem como principal fio condutor a noção de matrizes (Dutra, 2019) como forma de dar relevância aos primeiros professores que estabeleceram as bases para a prática da capoeira no estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capoeira. Porto Alegre. Matrizes africanas. Mapeamento.

**“A TREE WITHOUT ROOTS CANNOT STAND!”  
A LOOK AT CAPOEIRA IN PORTO ALEGRE/RS FROM THEIR  
MATRICES**

**ABSTRACT:** This article aims to provide a historical overview of the presence of modern capoeira practice in the city of Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul, from the perspective of the lineages that arrived there. To this end, data produced by several researchers were used. The data were produced during the Mapping of Capoeira in Rio Grande do Sul, carried out by IPHAN - Institute of Historical and Artistic Heritage. The analysis seeks a certain historical breadth to the detriment of depth and has as its main guiding thread the notion of matrices (Dutra, 2019) as a way of giving relevance to the first teachers who established the bases for the practice of capoeira in the state.

**KEYWORDS:** Capoeira. Porto Alegre. African matrices. Mapping.

**“¡UN ÁRBOL SIN RAÍCES NO PUEDE MANTENERSE EN PIE!”  
UNA MIRADA A LA CAPOEIRA DE PORTO ALEGRE/RS DESDE SUS  
MATRICES**

**RESUMEN:** Este artículo busca ofrecer un panorama histórico de la presencia de la capoeira moderna en la ciudad de Porto Alegre, capital del estado de Rio Grande do Sul, desde la perspectiva de los linajes que la habitaron. Para ello, se utilizaron datos elaborados por diversos investigadores. Estos datos se generaron durante el Mapeo de la Capoeira en Rio Grande do Sul, realizado por

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi publicada como posfácio da obra A Capoeira em Porto Alegre na década de 70: Os mestres, o início e o desenvolvimento (2023).

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS. Membro do GeAfro - Grupo de Estudos Afro (Neabi/UFRGS). E-mail: [erico.carvalho@hotmail.com](mailto:erico.carvalho@hotmail.com)

el IPHAN (Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico). El análisis busca una cierta amplitud histórica en detrimento de la profundidad y tiene como hilo conductor principal la noción de matrices (Dutra, 2019) como una forma de dar relevancia a los primeros profesores que sentaron las bases de la práctica de la capoeira en el estado.

**PALABRAS CLAVE:** Capoeira. Porto Alegre. Matrices africanas. Mapeo.

## Introdução

Os primeiros registros da prática da capoeira em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, o estado mais meridional da federação brasileira, remontam a meados do século XIX (Mattos, 2009; Scherer e Pogliá, s/data; Carvalho, 2023).<sup>3</sup> Após um longo processo de organização desta prática que resultou em sua descriminalização,<sup>4</sup> na constituição de espaços de ensino conhecidos como “academias” e no desenvolvimento de estilos esportivos e marciais<sup>5</sup>, a prática da capoeira passou a figurar como uma atividade cultural intrinsecamente associada à identidade nacional brasileira. Sendo assim divulgada no sul do Brasil a partir da década de 1950 (Carvalho, 2023).

Os primeiros professores<sup>6</sup> que chegaram ao solo gaúcho encontraram-se com uma sociedade que ainda guardava uma imagem extremamente negativa dos praticantes de capoeira. Sendo um estado cuja autoimagem está associada diretamente a uma visão eurocêntrica que valoriza a contribuição dos eurodescendentes em detrimento dos

---

<sup>3</sup> O primeiro registro da prática da capoeira na cidade de Porto Alegre está datado em 1855 e trata-se de um processo-crime onde o réu teria ferido acidentalmente um companheiro durante uma brincadeira de “capoeiragem” (Mattos, 2009).

<sup>4</sup> A prática da capoeira foi incluída no Código Penal de 1890 e foi retirada em 1937, dentro do contexto do Estado Novo e a busca da constituição de uma “cultura nacional” brasileira.

<sup>5</sup> Dentre as diversas formas de prática da capoeira construídas historicamente denominadas emicamente como estilos, três se destacam. São elas, a Capoeira Angola, considerada mais tradicional e ritualizada; a Capoeira Regional, que possui ênfase na marcialidade; e a Capoeira Contemporânea, com foco na esportividade. A interação destes estilos forma de maneira localizada e heterogênea a “capoeiragem” como espaço de interação, negociação e disputa entre seus praticantes.

<sup>6</sup> Referência genérica a todos aqueles que se dedicam ao ensino da capoeira independente do uso de títulos ou pertencimento a um grupo.

milhares de indígenas, africanos cativos e mestiços (Oliven, 1996), os gaúchos, em geral, tendem a enxergar a cultura de matriz africana com exotismo, estranhamento ou racismo. O que levou a preservação de imagens racializadas da cultura afrodescendente como todos seus estereótipos e estigmas produzidos a partir da experiência colonial.

Neste contexto, a imagem dos capoeiras, como eram conhecido este tipo social marginalizado, cujas técnicas de luta levaram a constituição da capoeira moderna, ainda manteve-se vigente na imagem de um sujeito fisicamente e socialmente perigoso, desonesto, mas principalmente “vadio”, algo que agride diretamente a narrativa eurocêntrica da ética do trabalho, onde este constitui um valor que atribui legitimidade social ao indivíduo. Neste sentido é comum nas narrativas dos primeiros capoeiristas gaúchos relatos de comentários de desaprovação de familiares ou amigos que consideravam a prática da capoeira como “coisa de vagabundo”. O que se intensifica quando se trata de um capoeirista negro.<sup>7</sup>

Apesar deste contexto adverso, a propaganda prévia levada a cabo pelos jornais, shows folclóricos e mostras culturais propiciaram um ambiente favorável, ao constituir um público jovem, em geral pertencente à classe média, que formou a primeira geração de capoeiristas gaúchos. Concomitantemente, a partir da década de 1960 o interesse da classe média em uma cultura física se ampliou, gerando a multiplicação das academias que ofereciam além de equipamentos de ginástica, diversas modalidades de artes marciais e dança (Carvalho, 2023).

Mais de 50 anos se passaram desde a chegada dos primeiros professores, e para muitos capoeiristas gaúchos este passado recente constitui não mais do que um notícia borrosa, cujo domínio se limita a

---

<sup>7</sup> Relatos de mestres de capoeira como Mestre Churrasco, Mestre Renato, Mestre Paulo e Mestre Ivonei, aponta para um constante clima de vigilância e repressão durante as décadas de 1970 e 1980, que era vivido em menor intensidade pelos capoeiristas brancos (Ver entrevistas em Pogleia e Dobrovolski, 2014).

segmentos específicos que ainda cultivam as memórias de seus principais referentes. Buscando dar conta da ausência de informação pública sobre este período e seus desdobramentos, surgiram, na última década, uma série de pesquisas realizadas por membros de grupos de capoeira locais na busca da constituição de uma memória sobre a presença desta prática na região. Estas pesquisas tiveram tanto o viés acadêmico (Borges, 2008; Dornelles, 2011; 2013; Dutra, 2019; 2023; Carvalho, 2023) como de projeto documental (Poglia e Dobrovolski, 2014; Miranda, 2019), ou ainda inventarial (IPHAN, 2023).

Todos estes trabalhos buscaram estabelecer algumas narrativas a partir da memória dos mestres de capoeira presentes hoje na região e em alguns casos alguns de seus alunos, não apenas como forma de salientar elementos relevantes para estes agentes culturais como também intensificar formas discursivas e lógicas próprias a este meio fazendo-as ressoar dentro do discurso acadêmico (Anjos, 2008). No caso da capoeira, dentre seus valores internos destacam-se dois princípios que nos são de especial interesse: a senioridade e a oralidade. A primeira como primazia e valorização dos mais velhos em detrimento dos mais jovens, expressa no dito: *Respeite quem chegou primeiro*. A segunda, não apenas como primazia da palavra falada, mas também do conjunto de relações e experiências desenvolvidas pelo ato da transmissão através da fala, não excluindo assim, o uso dos outros sentidos e de formas de mediação como a escrita, o audiovisual e a musicalidade não verbal. Neste sentido, a união destes dois princípios funda o amplo sistema de relações de ensino e aprendizado formado por mestres e seus discípulos ou alunos. O que resulta na formação de linhagens ramificadas (Brito, 2015; Carvalho, 2023).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A fundação destas linhagens, sua ramificação e a multiplicação de sinais identitários forma o que podemos chamar de “sistema de linhagens” (Brito, 2015).

Apesar das constantes adaptações que a capoeira sofreu ao longo do tempo, incluindo a adoção de formas pedagógicas de ensino,<sup>9</sup> a oralidade permaneceu como um valor central devido a necessidade do aprendizado se dar por experiência e não através de um conjunto de conhecimentos sistematizados. Desta forma as histórias dos “mais velhos”<sup>10</sup>, os pequenos ensinamentos cotidianos, assim como os ditos através dos quais são passados muitos dos princípios que regem a *capoeiragem*<sup>11</sup>, não estão descolados dos treinos e do cotidiano dos capoeiristas. Tratam-se de pequenos fragmentos, gotas de sabedoria e conhecimento, folhas a serem recolhidas, que uma vez somados, compreendidos e assumidos como parte de sua realidade, se desdobram nas práticas e vivências destes coletivos<sup>12</sup>.

Neste sentido, o dito *Árvore sem raiz não fica de pé!* talvez seja uma das frases (ou ideias) mais repetidas, com diferentes adaptações, por aqueles capoeiristas que cultivam a capoeira como uma tradição negra, e poderia bem definir o esforço de pesquisa empreendido pelo conjunto de pesquisadores apontados acima. Porém esta analogia da árvore, onde a semente gera a planta, e a partir das raízes surgem os ramos, tão cara às tradições ocidentais,<sup>13</sup> só ganha sentido nas falas dos capoeiristas ao tratar de elementos culturais de matrizes africanas e/ou afro-indígenas se considerados não de forma biológica, mas sim ecológica, ou seja, não com base em uma hierarquia entre os seres e suas estruturas, mas sim como um conjunto interdependente. Assim, as raízes não seriam simplesmente a base que sustenta a árvore, mas a âncora onde a semente foi buscar a firmeza para crescer e se nutrir, e os ramos, a fonte de

---

<sup>9</sup> Por forma pedagógica de ensino entendemos a sistematização e estabelecimento de ensino com a finalidade de gerar um aprendizado rápido, eficiente e padronizado entre os jovens capoeiristas.

<sup>10</sup> Como são referidos aqueles que iniciaram primeiro a prática da capoeira, o que não está necessariamente ligado à idade dos praticantes, mas sim ao tempo de prática.

<sup>11</sup> Termo que indica um contexto específico de interação entre capoeiristas.

<sup>12</sup> Os filósofos ocidentais chamariam estes enunciados de aforismos.

<sup>13</sup> Como aponta Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) o pensamento ocidental tende à arborescência e conseqüentemente aos binômios.

energia que sustenta o todo. Da mesma forma, estes ramos que surgem não estariam ligados apenas a uma raiz, mas a várias, sendo fruto da interação entre partes e até seres distintos, que um olhar colonizado consideraria como separados.

A partir da experiência de uma série de jovens capoeiristas, cuja trajetória e a longevidade os transformaram em mestres, podemos definir o que Dutra (2019) chamou de matrizes da capoeira porto-alegrense. Este autor, também mestre de capoeira,<sup>14</sup> foi quem primeiro buscou sistematizar alguns marcos para a história da capoeira no estado do Rio Grande do Sul, definindo quem foram os capoeiristas que contribuíram para a popularização e multiplicação desta prática na região. Esta noção parte da ideia da existência de múltiplas matrizes para a cultura afrodescendente não apenas como fato histórico mas também como princípio ontológico que resulta ser central na concepção das linhagens de capoeiras.<sup>15</sup>

Estes capoeiristas respeitados por muitos, admirados por outros, mas também criticados por seus adversários, constituem a base da capoeira existente atualmente no estado do Rio Grande do Sul e a partir da segmentação de seus grupos conseguimos traçar linhagens, que longe de remeterem a uma única personalidade, se desdobram em vários conjuntos de relações, que acabam por compor a pessoa das e dos capoeiristas de hoje. Estes, como parte e frutos destas histórias apresentadas, carregam consigo, as marcas dessas relações passadas e presentes. Por vezes na forma de habilidades, interesses e ideias, mas também mágoas e oposições para os quais conceitos como bem ou mal,

---

<sup>14</sup> Mario Augusto da Rosa Dutra, também conhecido como Mestre Guto, é o fundador da Africanamente Escola de Capoeira Angola.

<sup>15</sup> A multiplicidade constitui um dos valores centrais no que pode ser chamado de filosofia afro-brasileira, uma vez que a pessoa afro só pode ser concebida a partir do conjunto de relações desta com a comunidade e com as entidades que formam o cosmo, contrariando a perspectiva individualista e mentalista euro referenciada (Anjos, 1995 e 2008).

certo e errado não se aplicam de forma estática, mas sim posicional, como demonstra através do corpo a própria *ginga* do capoeirista.<sup>16</sup>

### **Os pioneiros da capoeira em Porto Alegre**

A partir da década de 1960 a sociedade porto-alegrense viu a chegada da capoeira moderna ao extremo sul do Brasil. Isso se deu inicialmente pela ação de diversos agentes externos à capoeiragem que propiciaram a vinda de capoeiristas para apresentações na região e pelos meios de comunicação que publicaram matérias sobre estes eventos, sendo os mais célebres de todos a visita de Mestre Pastinha,<sup>17</sup> um dos grandes articuladores da capoeira angola baiana, que esteve em Porto Alegre em duas ocasiões, 1959 e 1963.

No entanto, passaram-se alguns anos até os primeiros professores de capoeira estabelecerem-se na cidade. Até onde sabemos os pioneiros teriam sido, Mestre Cau<sup>18</sup> e Mestre Índio do Mercado Modelo.<sup>19</sup> O primeiro, um gaúcho de Santa Maria que teria aprendido capoeira no Rio de Janeiro e mudado-se para a capital gaúcha em 1966 passando a ensiná-la informalmente e mais tarde ocupou espaços nobres da cidade como a ACM - Associação Cristã de Moços. O segundo, um baiano de Salvador, que aprendeu capoeira com grandes nomes como Mestre Di Mola e Mestre Pelé da Bomba, chegando a Porto Alegre em 1969 para a realização de espetáculos e ocasionalmente se dedicava a dar aulas para

---

<sup>16</sup> Deve-se atentar para que o fato desta aparente inconstância moral, não significar a ausência de uma ética como apontou Prandi (1991) ao tratar dos coletivos afroreligiosos, mas sim, um preciso cálculo social próprio dos coletivos de matriz africana, que leva a uma ética radical, onde as noções de certo e errado são posicionais. Isto funda um senso particular de justiça mobilizado na capoeiragem que se encontra constantemente em tensão com perspectivas éticas euro referenciadas de natureza maniqueísta, própria das dinâmicas coloniais.

<sup>17</sup> Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), o Mestre Pastinha, participou do movimento coletivo que estabeleceu a capoeira angola como um estilo tradicional em oposição à Capoeira Regional de Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado) que mantinha seu foco na marcialidade.

<sup>18</sup> Henry Carlos Xavier da Silva.

<sup>19</sup> Manoel Olímpio de Souza.

grupos fechados. Com o passar do tempo, estas aulas passaram a ocupar a centralidade do seu trabalho, culminando com a fundação do *Grupo Filhos de Oxóssi* (Dutra, 2013; Carvalho, 2023).

Ao lado de Mestre Cau também atuou como professor de capoeira um percussionista e *ogã*<sup>20</sup> baiano chamado Vadinho, que teria chegado à cidade em 1974 acompanhando sua mãe, a Iyalorixá<sup>21</sup> Mãezinha,<sup>22</sup> que veio a cidade para a fundação de um terreiro de candomblé. Sua identidade ainda é incerta, sendo frequentemente associado à figura de Vadinho Boca de Ferramenta,<sup>23</sup> um dos grandes *ogãs* baianos, embora alguns pontos de suas respectivas biografias não coincidam.<sup>24</sup> Suas aulas foram frequentadas por um grande número de jovens dentre os quais muitos se tornaram referências da capoeira gaúcha.

No final da década de 1970, chegou a Porto Alegre uma nova leva de capoeiristas provenientes de Curitiba e ligados ao *CPC - Centro Paranaense de Capoeira*.<sup>25</sup> Foram eles Mestre Monsueto,<sup>26</sup> fundador do grupo *Casa Grande*; Mestre Paulinho Mato Grosso<sup>27</sup> membro do grupo *Netos da Muzenza*; além de Mestre Cerqueira<sup>28</sup> e Mestre Ferro Velho,<sup>29</sup> na época ambos Contramestres.<sup>30</sup>

---

<sup>20</sup> No candomblé é um cargo masculino. Exerce a função de auxiliar nas cerimônias, como, por exemplo, tocar os atabaques.

<sup>21</sup> Sacerdotisa no candomblé.

<sup>22</sup> Segundo Meirelles (2017) trataria-se de Ocridalina dos Santos Amorim da linhagem do Terreiro do Bate Folha, falecida em 1988.

<sup>23</sup> Euvaldo Freitas dos Santos.

<sup>24</sup> Uma pesquisa aprofundada sobre a identidade de Vadinho ainda aguarda para ser feita.

<sup>25</sup> Centro do capoeira fundado em Curitiba em 1973 por um grupo de capoeiristas dos quais se destaca Mestre Sergipe como sua principal liderança.

<sup>26</sup> Ananilson de Souza.

<sup>27</sup> Paulo Cavalcante Oliveira.

<sup>28</sup> Edson Cerqueira Frias.

<sup>29</sup> Israel de Paula Pires.

<sup>30</sup> Os títulos básicos na capoeiragem são Mestre e Contramestre, outras nomenclaturas são utilizadas dependendo do segmento, como Graduado, Formado, Treinel, Professor dentre outras.

Mestre Monsueto foi o primeiro a chegar para ministrar aulas de karatê, porém em 1978 passou a ensinar capoeira. Seu sucesso foi tanto que convidou Mestre Cerqueira para ajudá-lo com as turmas. Mestre Paulinho, por sua vez, veio ao sul para realizar seus estudos universitários em 1978, abrindo a primeira academia exclusivamente dedicada à prática da capoeira no centro da cidade. Assim como Monsueto, frente ao crescente número de alunos Paulinho convidou o Contramestre Ferro Velho para ajudá-lo com as aulas.

Ao contrário dos anteriores, estes professores de capoeira chegaram atrelados a grupos já estruturados e ligados aos segmentos da capoeira desenvolvidos no sudeste brasileiro, sob uma forte influência do processo de nacionalização levado a cabo durante a Ditadura Militar (1964-1985) que buscou não apenas formatar a prática da capoeira como um esporte nacional mas também criou um amplo mercado de ensino desta prática ao ponto de estabelecer um estilo, a Capoeira Contemporânea.<sup>31</sup> Neste sentido a chegada destes professores estabeleceu uma conexão entre os jovens capoeiristas gaúchos e o mercado nacional da capoeira ao mesmo tempo que introduziu uma série de inovações como o uso de graduações, cordéis, os batizados e eventos de capoeira e as competições, algo até o momento inaudito no Rio Grande do Sul (Dutra, 2019).

Estes sete professores de capoeira, ou seja, Cau, Índio, Vadinho, Monsueto, Paulinho, Cerqueira e Ferro Velho, de origem e trajetórias diversas constituíram o que estamos chamando de matrizes, não apenas porque foram os primeiros a se estabelecerem na cidade (de fato há notícias de muitos outros cujas identidades são pouco desconhecidas), mas por que seu trabalho estabeleceu um público formado por jovens capoeiristas que tornaram-se referências na capoeira gaúcha, sendo

---

<sup>31</sup> A Capoeira Contemporânea é considerada como um estilo guarda-chuva que abarca uma série de segmentos influenciados pelo processo de nacionalização cuja principal característica é seu viés esportivo em detrimento da ritualidade da Capoeira Angola e da Capoeira Regional.

responsáveis pela introdução de novos segmentos e pela criação de grupos locais. A seguir vejamos como a partir destas matrizes a capoeiragem portoalegrense se expandiu.

### **Um olhar sobre capoeiragem da Região Metropolitana de Porto Alegre**

Entre os anos de 2019 e 2021 foi realizado o *Mapeamento da Capoeira no Rio Grande do Sul - Modulo I: Região Metropolitana de Porto Alegre* levado a cabo pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e pelo Conselho de Mestres da Salvaguarda da Capoeira do Rio Grande do Sul.<sup>32</sup> O mapeamento abrangeu Porto Alegre e outros seis municípios que formam o primeiro cordão da Região Metropolitana de Porto Alegre, a saber, Canoas, Gravataí, Alvorada, Cachoeirinha, Guaíba e Viamão. Estes municípios foram tomados enquanto conjunto, uma vez que constituem um espaço comum de intensa interação entre os grupos.

Os dados produzidos neste processo de mapeamento, surgiram a partir de entrevistas com mais de 80 capoeiristas dentre os mais velhos praticantes na região. Também foram utilizados depoimentos gravados por outros projetos de conservação da memória como o *Garimpando Memórias* (Dornelles, 2011; *Angola POA* (Poglia; Dobrovolski, 2014) e *Capoeira Canoas* (Miranda, 2019). Neste sentido, a síntese que forma tanto este mapeamento, como este artigo, constitui o resultado final da concatenação de um amplo conjunto de materiais produzidos de forma heterogênea e em momentos distintos. A partir dos dados produzidos por estes processos podemos vislumbrar parte da totalidade que forma a capoeiragem na região.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Estes conselhos foram formados a partir de uma série de reuniões promovidas pelo IPHAN com o intuito de organizar o processo de salvaguarda da capoeira no estado. Sendo este mapeamento sua primeira ação de salvaguarda.

<sup>33</sup> Os relatórios produzidos durante este processo estão disponíveis para consulta pública na Plataforma SEI do IPHAN. Em 2023 também foi realizada a publicação da maior parte destes dados.

Neste sentido, como forma de valorizar estas múltiplas ramificações surgidas a partir destas matrizes (raízes) farei dois movimentos. No primeiro, de cunho quantitativo, apresento alguns dados que desenharam uma imagem da capoeiragem porto-alegrense, tanto atual como ao longo do tempo. No segundo, de caráter relacional (mas não genealógico),<sup>34</sup> buscarei explicitar como cada uma destas matrizes se segmentou e compôs para a criação do quadro atual, assim como foram introduzidos novos atores que trouxeram outras experiências de capoeira para o campo.

Durante este processo de mapeamento surgiu a necessidade de definir um padrão que atribuísse sentido a uma quantificação da capoeiragem. Por este motivo, optou-se por adotar a categoria *grupo* para definir cada conjunto de capoeiristas. Esta categoria foi tomada pelo uso genérico que ela assume no cotidiano da capoeiragem, sendo de uso corrente e compreensível para qualquer membro dessa coletividade. No entanto, está longe de ser consenso, uma vez que muitos utilizam outros termos para definir sua identidade enquanto capoeiristas, como *escola*, *coletivo*, *associação* etc. Considerando ainda que isto faz parte da constituição de suas próprias perspectivas do significado da prática da capoeira.

Neste sentido, o uso deste termo não teve por finalidade desqualificar ou invisibilizar as particularidades das coletividades de capoeiristas que se definem de outra maneira, mas apenas tornar os dados inteligíveis. Para tanto, foram considerados *grupos*, todos os conjuntos de capoeiristas em atividade no território, que possuem uma identidade particular (via de regra expresso através de um nome e um símbolo) e autonomia em relação aos demais grupos. Assim, podemos diferenciar como *grupo*, o

---

<sup>34</sup> Assumo aqui que em geral a ideia de uma genealogia constitui uma perspectiva binária da segmentação, que vê as relações de forma estática e unidirecional. Em contraponto, a partir da capoeiragem se apresenta um conjunto de filiações e alianças que se perpetuam e atualizam no tempo de forma contingencial e relacional.

conjunto de cada coletividade, de seus diferentes *núcleos*, ou seja, cada espaço de atividade desta coletividade.

O processo de mapeamento identificou 71 grupos, nos sete municípios em questão, e ao menos outros quatro surgiram após o fim do processo, em fevereiro de 2021. Um destes através da fusão com outro pré-existente, somando assim 74 grupos em atividade na região. Porém o número deve ser relativizado uma vez que não estão incluídos mestres de capoeira que não possuem grupos ou cujos grupos não se encontram em atividade. Também não estão incluídos importantes mestres de Porto Alegre que atualmente vivem em outras cidades.<sup>35</sup>

Cada grupo foi tomado por sua localidade de origem, o que não significa que não estejam presentes nos demais municípios e além.<sup>36</sup> A distribuição resultou ser bastante desigual, com mais da metade se concentrando em Porto Alegre, com 42 grupos, seguida de Canoas com 9 grupos, Gravataí com 6 grupos, Alvorada com 5 grupos, Cachoeirinha com 4 grupos e finalmente Guaíba e Viamão com 3 grupos cada. Aqui estão contabilizados apenas os grupos com base em seu local de origem e/ou sede e não os núcleos presentes em outros municípios. Deve-se observar que dos 71 grupos identificados, apenas 58 participaram do mapeamento através da entrevista de suas lideranças. Outros 13 grupos não o fizeram por motivos diversos. Desta forma os dados que seguem, dizem respeito a um universo de 58 grupos.

Quanto ao estilo de capoeira,<sup>37</sup> quer dizer a forma em que é praticada a capoeira em cada grupo, podemos dividi-los em 6 categorias

---

<sup>35</sup> Por exemplo, Mestre Churrasco, Mestre Nino Alves, Mestre Karará e Mestre Kllaithy que atualmente vivem fora de Porto Alegre, apesar de circularem pela capoeiragem da cidade.

<sup>36</sup> Há uma tendência centrífuga no crescimento dos grupos que se multiplicam através da criação de novos espaços de ensino, em geral coordenados por lideranças secundárias ou alunos mais velhos.

<sup>37</sup> O estilo constitui uma das grandes divisões entre os praticantes de capoeira e expressa formas historicamente e politicamente constituídas de sua prática. Neste sentido, a adoção ou afastamento de um estilo também significa a filiação a um conjunto

autodeclaradas: Capoeira Angola (17 grupos), Capoeira Contemporânea (13 grupos), Capoeira de Rua (11 grupos), apenas Capoeira (7 grupos), Capoeira Regional (5 grupos) e Outros (5 grupos). Esta última categoria inclui cinco casos que aparecem apenas uma vez: sem estilo; todos os estilos; anglo-regional; angola e regional; e estilo próprio. Este tipo de classificação constitui, um tema delicado, pois envolve identidades, disputas e diferentes concepções sobre as mesmas categorias.

Um olhar histórico e linear nos mostra que houve uma constância positiva na formação da capoeira desde os anos de 1970 até a atualidade, em outras palavras a capoeiragem de Porto Alegre cresceu de maneira constante e cumulativa. Dois dados são interessantes para observar esta constância. O primeiro toma como base a data de iniciação das atuais lideranças no mundo capoeira, e o que observamos é uma divisão quase igualitária ao longo de três décadas: 31% iniciou na década de 1970, 39% iniciou na década de 1980 e 30% iniciou na década de 1990. O que também nos faz pensar que as novas gerações de capoeiristas que irão assumir a liderança dos grupos ou fundarem seus próprios estão neste momento em plena formação.

O segundo dado, diz respeito ao ano de fundação dos atuais grupos. Onde igualmente podemos observar uma constância cumulativa. A partir de 1978 temos o surgimento entre 1 e 2 grupos ao ano até o início da década de 1990, com um leve pico em 1995 (com 5 grupos) e, a partir de 1997, mantendo-se entre 2 e 3 até 2010, ano em que há outro pico (com 4 grupos). A partir de aí surgem novos grupos, porém sem a constância observada anteriormente.

Esta observação não inclui grupos surgidos e extintos ao longo do tempo, seja pela falta de informação acerca deles, seja porque em muitos casos os grupos são extintos para dar lugar a outros grupos com os mesmos

---

de ideias, perspectivas e objetivos quanto à sua prática (Brito, 2015; Caldas, 2020; Carvalho, 2023).

integrantes. Neste sentido, contabilizá-los incidiria na sobreposição de informações e conseqüentemente em um inchamento e distorção dos dados. Também deve-se considerar que há zonas cinzas, onde não se pode definir se o grupo já estava constituído, foi extinto ou apenas está em uma pausa das atividades.

Este mesmo dado ainda demarca a formação da capoeiragem de Porto Alegre e cidades vizinhas, permitindo diferenciar entre grupos cuja sede está fora da cidade (via de regra em outro estado) e aqueles criados na região. Se em um primeiro momento a tendência era que as lideranças dos grupos viessem de fora e estabelecessem um trabalho na capital, ou seja, *exógena*, com o tempo esta dinâmica tornou-se cada vez mais esporádica, prevalecendo a criação de grupos locais, o que caracteriza o crescimento *endógeno* da prática da capoeira em uma área. Atualmente apenas 10 dos 58 grupos (17%) em atividade são núcleos de grupos mais amplos, enquanto os outros 48 grupos (83%) foram criados na região. Este padrão endógeno parece indicar o “amadurecimento” da capoeiragem local, sendo logo seguido de um processo centrífugo para regiões adjacentes. Esta dinâmica pode ser observada na Região Metropolitana de Porto Alegre, desde onde partiram um grande número de capoeiristas que contribuíram para o estabelecimento da capoeira no estado, chegando inclusive a cruzar as fronteiras com Uruguai e Argentina.<sup>38</sup>

Os números aqui expostos nos dão uma ideia da dimensão e extensão que a capoeira tomou em solo gaúcho. Algo impressionante se considerarmos que o Rio Grande do Sul é o estado mais austral do Brasil e sua formação política e cultural tendeu a ignorar e invisibilizar a

---

<sup>38</sup> Podemos identificar ao menos quatro casos onde professores de capoeira provenientes de Porto Alegre estabeleceram espaços de ensino no Uruguai e na Argentina (Carvalho, 2023).

contribuição do negro. Um olhar mais atento à gênese dos grupos atuais também pode ser muito esclarecedor do ponto de vista relacional.

Assumindo que Mestre Cau e com ele o ogã Vadinho, foram uns dos primeiros professores de capoeira, ainda na década de 1960, podemos considerar alguns dos seus alunos também como os primeiros capoeiristas da cidade. Destacam-se entre eles Mestre Churrasco, que também chegou a treinar com Mestre Miguel Machado do grupo *Cativeiro*<sup>39</sup> e foi o primeiro a ensinar na periferia de Porto Alegre, criando ali a *ACAZUP*.<sup>40</sup> Esta associação que deu origem a mais um grupo, o *Iê Dá Volta ao Mundo*<sup>41</sup>, liderado atualmente por seu irmão Mestre Bartelemi e seu aluno Mestre Erasmo, porém este último fundou seu próprio grupo recentemente, o *Grupo de Capoeira Angola Lanceiros Negros*.

Outra referência proveniente da periferia de Porto Alegre foi Mestre Renato Beabá, fundador da *Escola Beabá*<sup>42</sup>, que aprendeu seus primeiros movimentos de capoeira com um companheiro da juventude, Mestre Paulo de Jesus, passando a treinar junto com Mestre Churrasco em meados dos anos de 1980. Posteriormente seria o responsável pela primeira vinda para Porto Alegre de Mestre Renê Bittencourt, da *ACANNE*<sup>43</sup> de Salvador/BA, que resulta ser uma grande referência para vários grupos da capital gaúcha.

Também destaca-se Mestre Ratinho, que na juventude, após aprender com Mestre Cau, Mestre Monsueto e Mestre Índio foi um dos responsáveis pela criação do grupo *Filhos da Vivência*<sup>44</sup>, junto com outros companheiros de capoeiragem. Com a chegada de Mestre Miguel, Ratinho filiou-se ao grupo *Cativeiro* e na década de 1990, logo decidiu dedicando-

---

<sup>39</sup> Grupo Cativeiro Capoeira - Associação Desportiva e Cultural.

<sup>40</sup> Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares.

<sup>41</sup> Associação Cultural de Capoeira Iê Dá Volta ao Mundo fundada em 2000.

<sup>42</sup> Escola do Bê-a-Bá de Angola: Malta dos Guris e Gurias de Rua fundada em 1988.

<sup>43</sup> Associação de capoeira angola Navio Negroiro, fundada em 1986.

<sup>44</sup> Associação de Capoeira Filhos da Vivência, fundada em 1981.

se à prática da capoeira angola e criou a ACCARA ou *Rabo de Arraia*<sup>45</sup>, como é mais conhecida, e assumiu o baiano Mestre Moa do Katende como sua principal referência.<sup>46</sup>

Como dito, a chegada de Mestre Índio trouxe a noção de grupo de capoeira como a conhecemos hoje para a capoeiragem de Porto Alegre. Não sem antes ensinar capoeira em vários espaços da cidade. Porém de forma muito particular, a partir de meados da década de 1980, o grupo *Filhos de Oxóssi*, se segmentou e formou uma série de subgrupos autônomos com uma identidade própria, não sob a liderança de Mestre Índio, mas sob a sua orientação. Esta dinâmica de subgrupos acabou de se consolidar com a extinção do *Filhos de Oxóssi* e a criação do "Grande Grupo Capoeira Oxóssi", como se referem alguns dos seus membros, na forma de um *grupo guarda-chuva* que abarca todos estes subgrupos criados.<sup>47</sup>

Dentre os grupos associados a linhagem de Oxóssi deve-se destacar a *Escola de Capoeira Guerreiros* (antes denominada *Guerreiros da Liberdade*), fundada por Mestre Farol, um dos primeiros alunos de Mestre Índio que teve um papel importante na difusão da capoeira em comunidades periféricas do estado. Dentre os alunos de Mestre Farol, que criaram seus próprios grupos, estão, Mestre Jurandir da *Associação Luz capoeira*,<sup>48</sup> Mestre Mano do grupo *Capoeira Guaíba*,<sup>49</sup> Contramestre

---

<sup>45</sup> Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia fundada em 1995.

<sup>46</sup> *Referência*, constitui uma das formas de associação entre capoeiristas e mestres de capoeira, e indica uma relação intermediária onde o primeiro reconhece o segundo como exemplo a ser seguido porém não se *filia* ao grupo deste mantendo sua autonomia frente ao mestre.

<sup>47</sup> Mestre Jacaré (Capoeira Discípulos de Oxóssi), Mestre Soneka (Norte Sul Capoeira Oxóssi), Mestre Tayson (Capoeira Preto Rico de Oxóssi), Mestre Bonito (Grupo de Capoeira Ilê de Oxóssi), Mestre Saracura (Escola de Capoeira Malemolência), Contramestre Dhalçim, representando Mestre Fumaça (Porto Brasil Capoeira), Contramestra Cris Yabá (Grupo Cultural Oxóssi) e Professora Karen (Grupo de Capoeira Motumbá Oxóssi).

<sup>48</sup> Associação Cultural e Esportiva Liberdade, União e Zelo, fundada em 2008.

<sup>49</sup> Fundado em 1994.

Cobra da *Associação Arte Nova Capoeira*<sup>50</sup> e Mestre Gato Preto, fundador do grupo *Guarda Negra*.<sup>51</sup> Neste último grupo, o Mestrando Soldado, babalorixá e fundador do grupo *Canjerê*,<sup>52</sup> iniciou a prática da capoeira, e posteriormente passou a treinar com Mestre Kllaithy do grupo *Sisal* de Gravataí.

Outra liderança que participou do grupo *Guerreiros da Libertação* foi Mestre Bolívar, que antes havia aprendido capoeira em Niterói/RJ. Após afastar-se do grupo *Guerreiros* fundou o *Grupo Olufê*<sup>53</sup>. Um de seus alunos, Mestre Marcelo, que também esteve no *Grupo Guerreiros da Libertação*, recentemente fundou o próprio grupo chamado *Ao Pé do Berimbau*.<sup>54</sup>

Outras duas lideranças relevantes da linhagem de Oxóssi são, Mestre Kunta Kintê do grupo *Raízes do Sul* e Mestre Karcará do grupo *Oxósse*<sup>55</sup>, este último não foi contabilizado neste mapeamento por desenvolver seu trabalho no norte do estado, mas teve um papel central na difusão da capoeira na Região Metropolitana de Porto Alegre. Já Mestre Kunta, que chegou a assumir as atividades do grupo na ausência de Mestre Índio, afastou-se do grupo Oxóssi e iniciou o aprendizado da capoeira angola. Hoje o mestre vive no litoral gaúcho e seu aluno, o Contramestre Jean Sarará coordena as atividades do grupo em Porto Alegre.

Como já supra indicado, outra grande referência para muitos capoeiristas da região foi Mestre Monsueto, que iniciou suas aulas na célebre academia Kidokan localizada no Centro Histórico de Porto Alegre, por onde muitos jovens capoeiristas passaram. O mestre também foi

---

<sup>50</sup> Fundado em 2010.

<sup>51</sup> AGNC - Associação Guarda Negra Capoeira, fundada em 1995. Não deve ser confundida com o grupo Filhos da Guarda Negra, fundado pelo Contramestre Ferro Velho em 1983 e extinto com seu falecimento.

<sup>52</sup> Fundado em 2011.

<sup>53</sup> Grupo Idajó Olufê Imó Capoeira, fundado em 1997.

<sup>54</sup> Associação de Capoeira no Pé do Berimbau, fundada em 2019.

<sup>55</sup> Grupo Internacional de Capoeira Oxósse.

responsável durante muitos anos por orientar um grupo de capoeiristas do município de Canoas liderado por um jovem chamado Macaô, hoje lembrado como Mestre Macaô. Juntos criaram o grupo *Casa Grande*. Este grupo de jovens posteriormente se filiou a Mestre Nô do grupo *Palmares* e o nome Casa Grande foi levado adiante por Mestre Monsueto. Hoje, após o falecimento do mestre, o grupo é liderado, no município de Viamão, pelo Mestre Billy Joe.

O grupo *Palmares*<sup>56</sup> em Canoas, por sua vez, que hoje é liderado por Mestre Dindo, se segmentou paulatinamente à medida que seus membros mais antigos formavam seus próprios grupos, como é o caso do *Capoeira AngolaBrasil*<sup>57</sup> de Mestre Alfredo e Mestre Heitor, do grupo *Liberdade e Casa Grande*<sup>58</sup> de Mestre Dentinho e do grupo *Capoeira Angola Tradição*<sup>59</sup> de Mestre Bira.

O grupo de Mestre Cerqueira, por sua vez, que durante muitos anos não teve um nome próprio,<sup>60</sup> foi nomeado grupo *Conesul* em 1992 e permanece até hoje em atividade na zona norte de Porto Alegre sob orientação de Mestre Silvio e do Contramestre Adriano. O espaço da academia Kidokan foi um ponto de referência para muitos capoeiristas que frequentavam as aulas e rodas de Mestre Cerqueira. Um destes, foi o Professor Renatinho que posteriormente passou a praticar a capoeira angola, assumindo como referência Mestre Lua de Bobó e fundando o seu próprio grupo, o *Sabedoria Popular*.<sup>61</sup>

---

<sup>56</sup> Associação Capoeira Angola Nascente Palmares Sul, fundada em 1984.

<sup>57</sup> Fundado em 1996.

<sup>58</sup> Associação Cultural Brasileira de Capoeira Angola Liberdade Casa Grande, fundada em 1995.

<sup>59</sup> Fundado em 2005.

<sup>60</sup> A ideia de uma identidade grupal é relativamente recente na capoeira, se popularizando na década de 1980 com o crescimento do mercado da capoeira. Anteriormente os grupos eram reconhecidos apenas pelo nome do mestre responsável ou pelo nome da academia em que ocorria suas atividades.

<sup>61</sup> Grupo de Capoeira Angola Sabedoria Popular, fundado em 2001.

O grupo *Netos da Muzenza*, hoje *Muzenza*, após a partida de Mestre Paulinho Mato Grosso continuou em atividade na cidade sob a liderança de seus quatro mestres, Mestre Peixinho Moreno, Mestre Carson, Mestre Grego e Mestre Fouad, e dois contramestres, Contramestre Cabeça e Contramestre Leão. Além destas, outras importantes lideranças da cidade iniciaram na capoeira nas aulas de Mestre Paulinho, e iniciaram suas próprias caminhadas na busca de outras referências, como Mestre Delmar Perroni do grupo *Esporte Nacional*,<sup>62</sup> Mestre Fabinho do grupo *Pesquisa e Fundamento*<sup>63</sup> e Mestre Baptista do grupo *Mocambo*.<sup>64</sup> Este último passou a praticar a capoeira angola e ligou-se a Mestre Barba Branca, do grupo *Cabula*.

Também este é o caso de Mestre Tucano que após acompanhar o Contramestre Ferro Velho na fundação do grupo *Filhos da Guarda Negra*, e liderar o grupo *Nação* no estado, saiu deste último e fundou seu próprio grupo, o *Capoeira Camboatá*<sup>65</sup>.

O *Nação*,<sup>66</sup> por sua vez, seguiu e hoje tem como referência na cidade a Mestre Grande, que permaneceu no grupo após a saída de Mestre Tucano. Outro ex-membro do grupo foi Mestre Jé, que antes havia iniciado a capoeira em Santa Cruz do Sul com um membro do grupo *Filhos de Oxóssi*, passando pelo grupo *Capuraginga* de Minas Gerais, chegando ao *Nação* e com saída de Mestre Tucano, se filia ao grupo *Água de Beber*<sup>67</sup>, de Mestre Vuê de Petrópolis/RJ.

Do próprio Camboatá saíram outras lideranças como Mestra Didi, de Porto Alegre, hoje liderança local do grupo *Herança Cultural*,<sup>68</sup> Mestre

---

<sup>62</sup> Associação Esporte Nacional Capoeira, fundada em 1995.

<sup>63</sup> Fundado em 1998.

<sup>64</sup> Grupo de Capoeira Angola Mocambo, fundado em 1989.

<sup>65</sup> Fundado em 2003.

<sup>66</sup> Fundado por Mestre Pop em Florianópolis/SC no início da década de 1980.

<sup>67</sup> Escola de Capoeira Água de Beber, fundada por Mestre Vuê em 1998.

<sup>68</sup> Associação Herança Cultural Capoeira fundada por Mestre Catitu em Guarulhos/SP em 1991.

Tamanduá, fundador do *Ilê do Capoeira*,<sup>69</sup> Mestre Mano do grupo *Capoeira Cativos*<sup>70</sup> e seu ex-aluno Mestre Pedrinho do grupo *Nossas Raízes*,<sup>71</sup> os três últimos podem ser considerados como resultado do trabalho de Mestre Tucano e seu irmão, Mestre Chinês, na região de Cachoeirinha e Gravataí.

Destaca-se ainda Mestre Nino Alves um dos capoeiristas mais antigos da cidade, que após sair do *Muzenza*, foi responsável por trazer para o estado o grupo *Abadá*, de Mestre Camisa, hoje liderado localmente por três professores, Sorridente, Batman e Coelha. O grupo Abadá ainda segmenta-se no grupo *A.C.A.P.O.E.I.R.A.*<sup>72</sup> liderado, no estado, por Mestre Gororoba que se filiou ao grupo após deixar a liderança do Abadá.

Seria importante ressaltar o protagonismo que assumiu o grupo *Filhos da Vivência* durante todo este processo, pois plasma os percursos de jovens capoeiristas por diversos espaços até a constituição de suas próprias propostas. Na busca de uma referência, Ratinho, Mano e Sérgio Zebra entre outros, contataram vários mestre com diferentes propostas de capoeira, como Mestre Índio, Mestre Tarzan, Mestre Miguel e Mestre Canhão. Destes, Mestre Canhão, que foi aluno de Mestre Bimba, considerado o fundador da capoeira regional, assumiu a orientação do grupo em 1983, porém à distância, motivo pelo qual não conta entre as matrizes, pois o grupo não surgiu a partir de seu trabalho na cidade. O grupo permanece até hoje sob a liderança de Mestre Mano.

Pelo *Filhos da Vivência* passaram outros capoeiristas que fundaram seus próprios grupos, como o Professor Camarão do grupo *Alvorecer Capoeira*, hoje ligado a Mestre Bira, e o Contramestre Pastel que filiou-se ao grupo

---

<sup>69</sup> Centro Cultural Ilê do Capoeira, fundado em 2014.

<sup>70</sup> Associação Cultural Capoeira Cativos, fundada em 2001.

<sup>71</sup> Fundado em 2010.

<sup>72</sup> Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e de Incentivo às Raízes Afro-brasileira, fundada por Mestre capixaba em 2009, após sair do grupo Abadá.

*Mandinga* de Mestre Maurão<sup>73</sup>, ambos do município de Alvorada e ex-alunos do Contramestre Munique, que até onde sabemos foi a primeira pessoa a dar aulas na cidade. No município de Guaíba também encontramos o Professor Ducão fundador do grupo *Arte nativa*, que foi aluno do Mestrando Carvão, também outro ex-membro do grupo Filhos da Vivência.

É digno de nota que Sérgio Zebra, outro membro fundador do Filhos da Vivência, foi contemporâneo de Mestre Macaô no ensino de capoeira em Canoas, iniciando Mestre Chuka liderança do grupo *Pretos Velhos da Vivência*,<sup>74</sup> que após passar por vários grupos já citados como o Casa Grande, Oxosse, Palmares e Liberdade e Casa Grande,<sup>75</sup> funda seu próprio grupo.

Embora não seja considerado uma das matrizes da capoeira na cidade por se deparar com um campo já constituído, quando de sua chegada, Mestre Miguel Machado<sup>76</sup> sem dúvida constituiu uma revolução dentro da nascente capoeiragem porto-alegrense. Em plena ditadura militar e dominada por um visão sumamente esportiva, os capoeiristas da cidade se depararam não apenas com um grande jogador como também por um professor sumamente influenciado pelo movimento negro, motivo pelo qual cooptou um grande número de alunos. Encontrando seu nicho junto a capoeiristas que buscavam uma referência negra, com um discurso de consciência racial e de classe, Mestre Miguel conseguiu reunir jovens capoeiristas da periferia e/ou politicamente engajados.

Hoje o grupo *Cativeiro* permanece ativo sob a orientação de Mestre Treze e Mestre Ivonei, ambos ex-alunos de Mestre Churrasco, além de Rafael Tassinari, recentemente formado Mestre. No entanto, outras lideranças

---

<sup>73</sup> Grupo Capoeira Mandinga de São Paulo/SP.

<sup>74</sup> Associação de Capoeira Pretos Velhos da Vivência, fundada em 2011.

<sup>75</sup> O grupo Casa Grande e o grupo Liberdade e Casa Grande são dois coletivos diferentes.

<sup>76</sup> Falecido em maio de 2024.

da atualidade passaram pelo grupo, como o já citado Mestre Ratinho; Mestre Jaburu, que aprendeu capoeira na juventude nas ruas do Rio de Janeiro e após treinar com Mestre Miguel e participar da criação da ACCARA junto com Ratinho, funda seu próprio grupo de capoeira angola, o *Guayamuns*;<sup>77</sup> Mestre Babalu, que após se afastar do grupo Cativoiro foi convidado a dar aulas para um grupo de jovens, surgindo assim o grupo *Aruanda Capoeira*; e mais recentemente o Mestre Paulo Varella, ex-aluno do Professor Jair que por sua vez é aluno do Mestre Treze, que fundou o grupo *Sul Capoeira*.

Entre os anos 90 e o começo dos 2000, Porto Alegre viveu o que muitos capoeiristas chamam de o “boom da capoeira”. Segundo os relatos, a capoeira havia se tornado uma “moda” e os grupos estavam cheios de alunos. Somando-se a isso o incremento de políticas públicas na cidade, levadas a cabo durante os quatro governos sucessivos do PT - Partido dos Trabalhadores, ampliou a oferta de aulas de capoeira. Com o campo já estabelecido e ampliado, novos grupos surgiram e muitos capoeiristas transitaram desde ou para o sul do país para participar de eventos ou mesmo para dar aulas. Neste período também ocorreu o que muitos autores chamam de “ressurgimento” da capoeira angola que havia padecido um certo ostracismo com o sucesso da difusão da capoeira contemporânea (Assunção, 2005; Magalhães, 2012; Brito, 2015; Carvalho, 2023).

Neste contexto, a capoeira angola se estabelece em Porto Alegre, a partir da chegada de capoeiristas de linhagens já estabelecidas e a mudança no padrão das relações, se antes os primeiros angoleiros gaúchos surgiram a partir de uma relação de referência com mestres baianos legitimados,

---

<sup>77</sup> Movimento Cultura de Capoeira Angola Guayamuns, fundado em 2006.

quer dizer sem se filiar ao grupo do mestre referente, a partir de agora, prevalecia a dinâmica de filiação<sup>78</sup>.

Neste trecho podemos tomar a própria trajetória de Mestre Guto como exemplo, uma vez que é interseccionada por estes trânsitos. O mestre iniciou a prática da capoeira com Professor Fernando Braga do grupo *Cativeiro*, seguiu com Mestre Ratinho na fundação da *ACCARA*, até conhecer Mestre Renê Bittencourt da *ACANNE*, e fundar seu próprio grupo, a *Áfricanamente Escola de Capoeira Angola*, em 2003, ainda sob a orientação de Mestre Renê. Além de Mestre Guto, Mestre Roberto Bahia, na época um jovem de Viamão, que havia aprendido com outro jovem capoeirista chamado Alexandre Tarragô e que junto com alguns amigos havia fundado o grupo *Cultura Popular*, se aproximou de Mestre Renê e o tomou como referência.

Outra liderança que se estabeleceu na cidade foi a maranhense Mestra Elma, na época professora, que se uniu a um pequeno grupo de jovens porto-alegrenses ligados à somaterapia<sup>79</sup> para dar aulas de capoeira angola, surgindo assim o *Solta a Mandinga*. Logo depois, Elma deixa o grupo e funda outro chamado *Nzambi*<sup>80</sup>, até recentemente coordenado em Porto Alegre pela Contramestra Vivi Malheiro. O restante do grupo, por sua vez, se filiou a Mestre Boca do Rio e formou um núcleo do grupo *Zimba*<sup>81</sup>, que por sua vez surgiu a partir da segmentação do *GCAP - Grupo de Capoeira Angola Pelourinho*, de Mestre Moraes, um dos grupos de capoeira angola mais legitimados do país, que neste momento encontrava-se no seu auge.

---

<sup>78</sup> Entende-se aqui como *filiação* o ato de assumir a identidade de um grupo pré-existente, quer dizer, “entrar para o grupo”, em contraposição a ideia de *referência*, quer dizer assumir um mestre como orientador, como exemplo a ser seguido sem, no entanto, perder a própria identidade e autonomia enquanto grupo.

<sup>79</sup> Terapia de cunho anarquista que busca a liberação do corpo e psique dos praticantes através de exercícios corporais e teatrais, dentre eles a capoeira.

<sup>80</sup> Associação Cultural de Capoeira Angola Nzambi, fundada em 1998.

<sup>81</sup> Grupo de Capoeira Angola Zimba.

Neste mesmo período, outro grupo ligado ao GCAP se estabelecia na cidade, o grupo *Egbé Obá Dmeji*, sob a orientação de Mestre Joca. A partir da experiência deste, são criados outros três grupos: o *Angola Janga*, o *Oluwadi*, e o *Xirê de Angola*. Recentemente os dois últimos se uniram e fundaram o *Capoeira Angola Malungos*, ainda sob a orientação de Mestre Moraes.

Sugerimos que a escolha entre assumir um mestre como referência ou filiar-se ao grupo liderado pelo mesmo é uma dinâmica que está ligada ao nível de legitimidade das lideranças locais em questão e a possibilidade de estabelecer uma relação com o mestre em questão. Em outras palavras, capoeiristas com longa trajetória e trabalho estabelecidos tendem a buscar uma relação de referência e evitam filiar-se a grupos já constituídos. A motivação para este comportamento estaria associada a dois fatores: por um lado o risco de perda de status e autonomia frente a nova liderança e por outro a necessidade de autoafirmação no campo local. Esta dinâmica permanece vigente ainda hoje, visto que, apesar do “boom da capoeira” ter arrefecido, o trânsito de grupos de um segmento para outro ainda é frequente como os dados apresentados acima corroboram.

Do ponto de vista demográfico, podemos observar na expansão da capoeira para os municípios vizinhos a Porto Alegre (e na própria periferia da cidade), guardadas as devidas particularidades, uma mudança radical no público, uma vez que trata-se de zonas periféricas, com uma população de baixa renda e ligada a projetos sociais, o que divergiu da capoeira da capital que ainda hoje permanece ligada em sua grande parte a um público de classe média, sobretudo no caso da capoeira angola. Por um lado podemos observar a inconstância da permanência dos capoeiristas nos grupos, o que em parte pode indicar algo já observado nas primeiras décadas da capoeira de Porto Alegre e que caracterizaria uma capoeiragem ainda em formação, e por outro, demarca a própria instabilidade social e a dureza na vida nestas áreas. Como exemplo disso,

podemos citar o caso de três jovens lideranças que após circular por vários grupos estabeleceram seus próprios espaços: Contramestre Samir, Professora Mari e Professor Buiu.

Segundo o Contramestre Samir, se início na capoeiragem se deu em um projeto social do grupo *Abadá* em Gravataí, que logo foi encerrado, passado assim a treinar no grupo *Raízes* do Professor Sagui (também conhecido como Promessa), que logo encerrou suas atividades também, fazendo com que o jovem capoeirista passasse anos circulando por outros grupos como *Oxóssi*, *Sul Brasil*, *Capoeira Guaíba* e *Muzenza* na companhia de Coyote, hoje Mestre Coyote, que logo criou um grupo chamado *Capoeira Yeshua*, de curta duração, e logo retomou as atividades do grupo *Raízes* com a devida autorização de Professor Sagui. Já como contramestre, Samir fundou seu próprio grupo, o *Nova Nação*, e atualmente está filiado ao grupo *Gunga Nagô* de Mestre Kadu de Florianópolis/SC.

A Professora Mari, por sua vez, liderança da *Associação Cultura e Cidadania*, começou a capoeira com Mestre Ratinho, passando por diversos grupos como o *Aruanda*, *Guarda Negra*, *Dança do Matagal* e *Capoeira Brasil* até fundar seu próprio trabalho tendo como referência Mestre Hulk. Da mesma forma o Professor Buiu, iniciou com o Mestre Celso do grupo *Oxósse* de Mestre Karcará, e seguiu sendo orientado por diversos mestres do grupo *Oxóssi* até ingressar no grupo *Canavial* de Contramestre Sombra, que logo se filiou e passou a representar o grupo *Cordão de Ouro* em Gravataí. Hoje Buiu lidera o grupo sob a orientação de Mestre Máscara de São Paulo.

### **Considerações finais**

Este breve texto não teve como objetivo esgotar o tema da constituição de uma história para a capoeira porto-alegrense, pelo contrário, a capoeiragem nesta cidade continua em constante renovação. Os dados

aqui apresentados constituem uma fotografia, de algo que é extremamente dinâmico, e apesar da idiosincrasias regionais cujo senso comum apontaria para infactibilidade da presença tão intensa de um elemento da cultura negra, a capoeira ali próspera e segue se multiplicando. Algo que também pode ser constatado pelo número de terreiros de religiões de matrizes africanas na cidade e pela magnitude que o movimento negro na região. Uma reação ao racismo entranhado na sociedade gaúcha? Ou simplesmente a resistência irrefutável contra a cegueira seletiva do racismo? Talvez os dois, mas isto é tema para outro texto.

Como já anunciado, este conjunto de dados, ainda que ligeiros, não consiste em uma história completa da capoeira de Porto Alegre (este trabalho ainda está por ser feito), melhor constitui uma síntese dos trabalhos já realizados por diversos pesquisadores do tema na região. Com isto tentamos explicitar parte da complexidade das relações da capoeiragem local, e afastar noções puristas e essencialistas que por muito tempo foram utilizadas como ferramentas de controle da população afrodescendente e de suas práticas. Armadilhas tão frequentes utilizadas no colonialismo que ainda hoje se expressam através de tentativas de definição do que é “autêntico” e do que é “deturpado” e não raras vezes surge no discurso dos próprios capoeiristas.

A confusão inerente a este tipo de exposição, é resultado da própria experiência da capoeiragem, afinal, como explicar em palavras o que é construído e pensado pelo corpo? Neste sentido, pensamos que este tipo de síntese, ainda que através de um olhar inventarial, pode contribuir para que os jovens capoeiristas de hoje olhem com mais consideração e respeito aqueles que vieram antes. Por último, esperamos que estes esforços de pesquisa materializados neste conjunto de textos, possam servir como primeiro passo e incentivo para produção de outras análises desde outros pontos de vista, e que tudo isso sirva para a ampliação do

conhecimento sobre nossas próprias histórias. Afinal de contas, “Árvore sem raiz não fica de pé!”.

### **Referências:**

ANJOS, José Carlos dos Anjos. O corpo nos rituais de iniciação do batuque. In: Ondina Fachel Leal. (Org.). *Corpo e significado*. Porto Alegre: Ed da UFRGS, v. 1995, p. 139-153.

\_\_\_\_\_. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. *Debates do NER*. Porto Alegre. Vol. 9, n. 13, p. 77-96, 2008.

BORGES, Dione Brambila. *O nascimento do Abadá-Capoeira no Rio Grande do Sul: como começou essa história*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) ESEF/UFRGS, Porto Alegre.

BRITO, Celso de. *O Processo de transnacionalização da capoeira angola: uma etnografia sobre a geoeconomia política nativa*. 2015, 315 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) PPGAS/UFRGS, Porto Alegre.

CALDAS, Alan. A etnopolítica da capoeira: fronteiras, linhagens e redes. In: BRITO, Celso de; GRANADA, Daniel. (Org.) *Cultura, política e sociedade: Estudos sobre a capoeira na contemporaneidade*. Teresina: EDUFPI, 2020, p.23-50.

CARVALHO, Erico. *Na Encruzilhada do Mundo: Colonialidade e poder na capoeira de Porto Alegre e Buenos Aires*. 2023, 437 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) PPGAS/UFRGS, Porto Alegre.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira. *Monsueto, Nino Alves e Churrasco : a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho*. 2011, 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) ESEF/UFRGS, Porto Alegre.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira; GOELLNER, Silvana Vilodre. Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: a trajetória de um mestre. *História Oral*, v. 16, n. 1, p. 235-255, 2013.

DUTRA, Mário Augusto da Rosa. *As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre nos anos 70*. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) ESEF/UFRGS, Porto Alegre, 2019.

\_\_\_\_\_. (Org.) *A capoeira de Porto Alegre nos anos 70*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2023.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

MAGALHÃES, Paulo Andrade. *Jogos de Discursos. A disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*. Salvador: EDUFBA, 2011.

MATTOS, Jane. *Pulera e Birú: Indícios da capoeira na Porto Alegre dos séculos XIX e XX*. 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/pulera-e-biru-indicios-da-capoeira-na-porto-alegre-dos-seculos-xix-e-xx/22017/>

MEIRELLES, Cléber Dos Santos. *Nguzu: Um Estudo Sobre Identidade do "Povo Do Santo" no Candomblé d e Matriz Kongo e Angola*. 2017, 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUCRS, Porto Alegre.

MIRANDA, Leandro. *Capoeira Canoas*. Série documental, Canoas, 2019.

OLIVEN, Ruben. A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro No Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura. (Org.). *Negros no Sul do Brasil. Invisibilidade e Territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 13-32.

POGLIA, Marco Antonio Saretta; DOBROVOLSKI, Magnólia. *Angola Poa: Expressões da capoeira angola em Porto Alegre*. Série documental, Porto Alegre, 2014.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: Huicitec/Edusp, 1991.